

Sobre o uso do *Little Jiffy* na validação dos testes: comentários a Ávila e colaboradores

*About the use of Little Jiffy in test validation:
comments to Ávila and colleagues*

Sergio Alexis Dominguez Lara¹, César Merino Soto¹

Sr. Editor,

A avaliação psicológica da depressão é um processo importante, pois assim se poderia obter uma aproximação do grau da diminuição do bem-estar e, conseqüentemente, da qualidade de vida. Nesse sentido, Ávila *et al.*¹ fizeram uma versão validada da Escala de Avaliação de Depressão de Hamilton (HAM-D). No entanto, eles utilizaram um procedimento com sérias limitações metodológicas, conhecido como *Little Jiffy*.

O “pacote” conhecido como *Little Jiffy*² é composto por três procedimentos: a Análise dos Componentes Principais (PCA), a regra do Kaiser (RK; autovalores > 1) e a rotação varimax (RV). Porém, essa combinação é a menos recomendada quando o objetivo é examinar de forma exploratória a estrutura interna de um teste de medição. Tendo em vista as limitações de cada procedimento no estudo psicométrico de um teste de avaliação³, os autores deveriam apresentar forte argumentação para justificar o seu uso. A seguir, mostra-se cada um deles.

Em princípio, a PCA é um método de redução de variáveis observadas (itens), não de análise fatorial³, mas leva em conta a variância total (comum e única, incluindo a variância do erro), o que conduz a superestimar as cargas fatoriais⁴ e a distorcer a interpretação adequada do construto avaliado. Existem outras opções mais apropriadas que poderiam ser usadas dependendo da situação, como o método dos mínimos quadrados ordinários ou o método de máxima verossimilhança. A RK tende a superestimar o número de fatores/componentes, que devem ser conservados⁴, por isso não é considerado um método analítico confiável³. No entanto, existem outros métodos mais precisos e com mais respaldo empírico em comparação com a RK, como a *Análise Paralela* e o *Minimum Average Partial*, dos quais os resultados são mais confiáveis. Finalmente, o uso de RV foi baseado no pressuposto de que produz soluções fatoriais simples e de fácil interpretação, mas estudos recentes indicam que as rotações oblíquas oferecem estruturas mais simples⁵.

Por outro lado, a aplicação de RV pressupõe que os itens não estão correlacionados, mas é difícil defender a independência fatorial e não estimar a correlação entre os fatores; é mais razoável assumir uma relação entre os fatores analisados, a qual pode ser conferida por meio de uma rotação oblíqua.

Segundo os argumentos apresentados sobre as limitações da metodologia aplicada, a versão validada do HAM-D pode ser questionável e provavelmente afeta os processos subsequentes. Portanto, os autores devem reavaliar os seus dados para se alinharem com a atual posição sobre o uso apropriado da análise fatorial exploratória, e assim contrastar seus resultados.

Recebido em
29/11/2015
Aprovado em
28/3/2016

¹ Universidad de San Martín de Porres, Lima, Perú.

Endereço de correspondência: Sergio Dominguez Lara
Universidad de San Martín de Porres, Instituto de Investigación de Psicología
Av. Tomás Marsano, 242 (5to piso)
Lima 34, Perú
E-mails: sdominguezmpcs@gmail.com, sdominguez@usmp.pe

REFERÊNCIAS

1. Freire MA, Figueiredo VLM, Gomide A, Jansen K, Silva RA, Magalhães PVS, et al. Escala Hamilton: estudo das características psicométricas em uma amostra do sul do Brasil. *J Bras Psiquiatr.* 2014;63(4):281-9.
2. Kaiser H. The application of electronic computers to factor analysis. *Educ Psychol Meas.* 1960;20:141-51.
3. Lloret-Segura S, Ferreres-Traver A, Hernández-Baeza A, Tomás-Marco I. El análisis factorial exploratorio de los ítems: una guía práctica, revisada y actualizada. *Anal Psicol.* 2014;30(3):1151-69.
4. Ferrando PJ, Anguiano-Carrasco C. El análisis factorial como técnica de investigación en psicología. *Papeles del Psicólogo.* 2010;31(1):18-33.
5. Matsunaga M. How to factor-analyze your data right: do's, don'ts, and how-to's. *Int J Psychol Res.* 2010;3(1):97-110.